

A (RE) CRIAÇÃO DA DANÇA DE CONGADA: SANTA LUZIA DA SERRA (MG)

Giselda Shirley da Silva

(TRANSE/UnB)

Palavras-chave: dança- congada- ritual.

Busca-se neste estudo conhecer a (re) criação da dança de congada em uma comunidade do noroeste de Minas, percebendo-a como uma tradição na história e cultura local, recriada no contexto atual. É importante ressaltar que tradição não é entendida aqui como algo cristalizado, mas dinâmico, que se transforma, por isso mesmo, mantêm-se como tradição, porque se renova e se recria. Na polissemia do que se reveste a palavra cultura, esta se estabelece como um campo complexo, principalmente quando se refere à cultura e religiosidade. Cultura é aqui entendida como:

O meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e a sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos da compreensão de uma situação no mundo e na sociedade e também os princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações de vivência. Estes princípios de explicação e de orientação devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo consistente. (Stort, 1993:26)

Tem-se como objeto a performance dos dançantes e o significado da dança para a cultura local. De acordo com Teixeira (2000:11) “o termo performance passou a partir da década de 70 a corresponder à acepção sociológica da performance na vida, no cotidiano, constituindo assim como um dos pilares da teoria da performance.” Nesse sentido, lançar olhares sobre a performance dos dançantes da congada constitui-se como passo importante para compreender melhor esta manifestação recriada que se constitui como um vetor identitário dos dançantes. O um ternoⁱ de Congada é visualizado no período de 2008.

O estabelecimento da baliza temporal não inviabiliza o fato de se adentrar por outras épocas para conhecer como eram realizadas as comemorações de Nossa Senhora do Rosário em de João Pinheiro. Segundo os narradores locais, esta festividade religiosa já acontecia no início do século passado, não sabendo precisar as origens da mesma. Assim relata dona Izabel que foi festeira de Nossa Senhora do Rosário na segunda metade do século passado: “Antigamente nós festejávamos muito a festa de Nossa Senhora do Rosário. Fui festeira. Os dançantes com roupas iguais, cantavam e tocavam tão bonito! Era um evento importante na cidade!” Relatou o Sr. Levi, capitão da Congada: “Eram três dias de festa! Tinha as barraquinhas, danças!” A partir das palavras de Dona Izabel, do Sr. Levi e de muitos outros narradores locais, pode-se perceber a presença na memória coletiva das festividades e danças realizadas em louvor a Nossa Senhora do Rosário em João Pinheiro.

Sebastião Rios (2006:67) em seus estudos sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário escreve que:

No reinado do Rosário, podemos perceber que os mitos fundadores da festa não sejam os da tradição bíblica. O reisado do Rosário é uma manifestação

em que à herança do universo cultural banto é assaz e forte. Nesse universo, o grupo social e a cultura na qual a pessoa esta inserida são linhas de força que influenciam diretamente a história individual, suporte da memória coletiva ancestral. Desse modo, os cantos tradicionais preservados pelos capitães, destacam-se aqueles diretamente relacionados com a fundação mítica da festa.

Percebe-se que durante a trajetória histórica das festas de Congada, muitas foram às transformações ocorridas no interior da mesma, sendo estas (re) criadas e ressignificadas e restauradas de acordo com o lugar, o tempo e o contexto de existência da mesma. Para se compreender a performance e as transformações ocorridas na Congada de Santa Luzia, recorreu-se às narrativas orais, histórias de vida, os quais foram os eixos norteadores das reflexões, analisadas à luz de referenciais teóricos.

De acordo com o Sr. Levi, o terno da Congada reiniciou a dança devido a pedidos de pessoas da comunidade para que voltassem com os ritos religiosos para Nossa Senhora do Rosário.

O grupo foi criado pelo Sr. José do Odílio. Em falta dele, o Sr. José Lobo se tornou capitão. Depois o Sr. Osvaldo Barbosa. Em falta dele, o grupo ficou parado por um tempo, mas a comunidade ficava cobrando. Eu tinha dois irmãos que eram do grupo. Eram 17 membros na época. Hoje são 20.

Percebe-se que o festejo a Nossa Senhora do Rosário, é um ritual realizado através da dança, constituindo-se em um conjunto de passos, ritmos e cantorias que em harmonia possibilitam conhecer a performance dos dançantes. O objetivo da dança está voltado para o lado religioso, sendo a fé o instrumento que possibilita a existência desta arte devocional. “A congada para mim é um instrumento de evangelização.” Relata o Sr. Levi.

Conhecer a tradição e recreação da congada em de João Pinheiro abre diversas possibilidades de conhecer essa caminhada permitindo diferentes releituras dessa arte festiva e religiosa. Busca-se enquanto campo de pesquisa histórica ir além do pensamento da festa, como um conjunto de práticas e representações cristalizadas ou reproduzidas simplesmente todos os anos por esse grupo social e depois, esquecidas. Entende-se que essa representatividade se (re) cria na dança numa pluralidade de sentidos assinalados por sentimentos e significados que a fazem ir além de uma manifestação (re) vivida e (re) atualizada pelos seus dançantes.

De acordo com narrativas de pessoas idosas que conheceram a dança em João Pinheiro nos anos anteriores, essa sofreu algumas modificações. Tudo que se transmite muda. É importante perceber que as transformações sofridas nos passos da dança não interferem no sentido ou na organização da mesma. Pensou-se que no mundo moderno muitas das tradições populares fossem esquecidas ou deixassem de existir, contudo, percebe-se que apesar das transformações ocorridas, manifestações populares, como a Congada, continuam a existir e possui o seu lugar e credibilidade em um país plural como o Brasil.

Na apresentação, um espetáculo pirotécnico é realizado por fogueteiros para abrilhantar o espetáculo. A apresentação é liderada pelo capitão que busca diferenciar os passos da dança. Pode-se perceber a preocupação dos dançantes com a sua performance através dos olhares frequentes aos movimentos do capitão que busca direcionar os passos da folia com maestria e segurança nos diversos ritmos e momentos da mesma. De acordo com os integrantes do terno, os passos são ensinados pelo capitão, visando manter a harmonia dos passos e a performance do grupo.

Nas apresentações, a teatralização do rito acontece através da organização em duas filas paralelas. Na primeira, há o alferes com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário na frente. Percebe-se a importância da bandeira nestes ritos, constituindo-se como um símbolo da fé e religiosidade. O maestro coordena o ritmo, os passos e a performance dos dançarinos, permanecendo sempre entre as filas, como o elo de ligação entre as mesmas. Disse o Sr. Levi: “A congada tem uma dança cruzada - uma fila fica só por conta dos instrumentos, a outra é para a cantoria”.

Os instrumentos musicais utilizados são variados e fundamentais na performance dos dançarinos. O maior é a sanfona, que em conjunto com outros instrumentos, como o cavaquinho, caixa, pandeiro, meia-lua, tamborim, dão vida e ritmo aos passos dos congadeiros.

Os cânticos em forma de folia são entoados pelo capitão e seguidos pelos demais integrantes. Os versos cantados são criações do capitão que dá asas a sua imaginação, improvisando de acordo com a situação que se encontra, completando assim, a performance do grupo. Percebe-se a preocupação com o ritmo da música e a harmonia das palavras que rimando se tornam orações cantadas, agradecimentos ou convites para participar das orações em louvor a Santa.

Vamos lá nossos festeiros
E todos os amigos seus
Vamos todos para a Igreja
Ouvir a palavra de Deus

Os versos diferenciam-se dependendo do objetivo do canto. Os passos, cânticos e sons musicais utilizados nas apresentações constituem uma representação que dá legitimidade a manifestação cultural. O fortalecimento da crença está na energia do ritual, na performance dos dançantes e na representação da fé através do rito. Os rituais são relevantes nessa prática por se tratar de um costume popular. Os ritos são partes integrantes das relações sociais e da vivência humana.

Essa folia repassada através do rito e da oralidade constitui-se como parte do patrimônio imaterial local, no entanto, uma das preocupações do grupo é fazer com que os jovens interessem em aprender os passos da dança para que ela não desapareça.

REFERÊNCIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, O Santo e A Senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

RIOS, Sebastião. **Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis.** Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.

STORT, Eliana V.R. **Cultura, imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

TEIXEIRA, J.G.L.C. & Gusmão, R. **Performance, tecnologia e sociedade.** In: Teixeira, J.G.L.C. & Gusmão, R. (eds.) **Performance, cultura e espetacularidade.** Brasília: Editora UnB, 2000.

ⁱ Terno é uma expressão utilizada para nomear o grupo de dançadores, sendo segundo Brandão (1978), sinônimo de Batalhão, posto que cada grupo componha o “exército em louvor a Senhora do Rosário”.